

GLOSSÁRIO LATIM-PORTUGUÊS DE IMPRESSORES DE INCUNÁBULOS
(PARTE I)
LATIN-PORTUGUESE GLOSSARY OF PRINTERS OF INCUNABULA
(PART I)

Fábio Frohwein de Salles Moniz
(UFRJ/FBN/FAPERJ)¹

Resumo: Este glossário objetiva oferecer aos profissionais de Biblioteconomia alguns contributos para a recuperação de informações em incunábulos. De forma mais específica, propomos um glossário latino para auxiliar o bibliotecário na identificação e padronização de nomes de impressores de incunábulos nos catálogos de instituições custodiadoras de acervos especiais. Este trabalho se desdobrou de nosso projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, que vem sendo realizado em parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Faculdade de Letras da UFRJ. Nesta primeira parte do glossário, elaborado a partir do acervo de incunábulos da FBN, apresentamos um breve texto introdutório e os verbetes de nomes de impressores iniciados com as letras A e B. Longe de buscarmos exaurir os nomes de impressores dessa fase da impressão de livros com tipos móveis, nosso intuito foi apenas de propor uma padronização de informações para os registros desses incunábulos no catálogo *on-line* da FBN, conforme tabelas de identidade de bases de referência internacional: 1) *World Catalog* (WorldCat), 2) *Library of Congress* (Livreria do Congresso Americano), 3) *Incunabula Short Title Catalogue* e 4) *Biblissima*.

Palavras-chave: Latim; incunábulos; glossário; impressores; séc. XV.

Abstract: This glossary was made for professionals of librarianship in order to ease the obtainment of informations of incunabula. More precisely, we propose a Latin glossary to assist librarians with the identification and standardization of the names of letterpress printers of incunabula, to be found in the catalogs of institutions which are custodians of special archives. The glossary is a product of our “extension project” “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas” which is executed in partnership between the Brazilian National Library Foundation (FBN) and the Faculty of Humanities of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). In this first part of the glossary, based on the archive of incunabula of the FBN, we present a short introduction and the entries of letterpress printers whose names begin with the letters A and B. Far-off from trying to exhaust all the names of printers of that stage of letterpress printing, our aim was merely to propose a standardization of informations for the registers of these incunabula within the online catalog of the FBN, following international reference data bases, such as that

¹ Doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atualmente é Professor Adjunto de Língua e Literatura Latinas. Coordenador do Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas. Dedicou-se a desenvolver e ministrar cursos de latim instrumental voltados a áreas técnico-profissionais, como "O Latim nas Obras Raras", oferecido, em 2018 e 2019, na Fundação Biblioteca Nacional. Pesquisa e orienta pesquisas em nível de Graduação e Pós-Graduação relacionadas a tradução de obras renascentistas escritas em latim.

of 1) the *World Catalog* (WorldCat), 2) the *Library of Congress*, 3) the *Incunabula Short Title Catalogue*, and, 4) the *Biblissima*.

Keywords: Latin; incunabula; glossary; letterpress printers; 15th century.

1 INTRODUÇÃO

Este glossário objetiva oferecer aos profissionais de Biblioteconomia alguns contributos para a recuperação de informações em incunábulo. De acordo com o *Dicionário do livro*, de Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, o incunábulo consiste num

documento impresso mediante a utilização de caracteres móveis nos primórdios da tipografia (cerca de 1455) até 1500 inclusive. Caracteriza-se pela ausência de página de título na maior parte dos casos, iniciando-se o texto, geralmente disposto em duas colunas, diretamente na primeira página. Os dados relativos à imprensa encontram-se geralmente no colofão. São normalmente foliados ou não existe qualquer numeração. O texto caracteriza-se por muitas abreviaturas e por vezes contém letras iniciais ornamentadas a mão ou o espaço em branco para isso destinado. As semelhanças com o manuscrito são, pelo menos nos incunábulo mais antigos, bem evidentes. (FARIA; PERICÃO 2008, p. 395.)

De forma mais específica, propomos um glossário latino para auxiliar o bibliotecário na identificação e padronização de nomes de impressores² de incunábulo³ nos catálogos de instituições custodiadoras de acervos especiais. Embora desconheçamos, no mundo lusófono, obras de referência em latim voltadas às necessidades do bibliotecário,⁴ a ideia de auxiliar profissionais da biblioteconomia na

² Neste trabalho, utilizamos a palavra “impressor” para designar “pessoa ou coletividade responsável pelas operações materiais da impressão de um documento, [...] aquele que exerce o ato da impressão ou que imprime formas tipográficas; impressador; imprimidor; gráfico; tipógrafo” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 393), podendo ainda ser o próprio livreiro.

³ Mister acrescentarmos, às características do incunábulo apontadas por Faria e Pericão, a problematização feita por Ana Virginia Pinheiro (PINHEIRO, 1995, p. 179): “Ainda que de forma um tanto restrita e nem sempre exata, se dá o nome de incunábulo (berço, em alusão ao estado inicial da imprensa) ou paleotipo (do grego *palaiós*, antigo, e *typos*, modelo) a uma série de livros produzidos entre a data de invenção da tipografia e ano de 1500. Diz-se que é de forma *restrita* porque no ano de 1500 não ocorreu nada de especial que distinga os livros produzidos imediatamente antes dos realizados imediatamente depois, e *nem sempre exata* porque antes de 1500 em algumas tipografias foram impressos livros perfeitos em face da aplicação de uma imprensa industrializada, como sucedeu nas oficinas venezianas de Aldo Manuzio, que produziu obras que não representam o período inicial da tipografia, bem ao contrário. Por outro lado, depois de 1500 muitos livros foram produzidos por tipografias tão primitivas e artesanais como as anteriores, e que por isso também poderiam ser considerados incunábulo”.

⁴ Conquanto o já citado *Dicionário do livro* (FARIA; PERICÃO, 2008) apresente muitas expressões latinas recorrentes no universo da Biblioteconomia, não se trata de uma obra de referência voltada especificamente para esse fim.

leitura e compreensão de informações escritas em língua latina vem dando margem, pelo menos desde o final da década de 1970, à elaboração de glossários latim-inglês (BINNS, 1977, 1979, 1989, 1990; MAXWELL, s.d.; HILLYARD, 2009).

Segundo o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), há atualmente cerca de 400 instituições brasileiras detentoras de acervos raros, muitos deles contendo itens biblioteconômicos em latim. Esses documentos não somente cobrem significativo período do conhecimento científico ocidental, bem como da história do Brasil, a exemplo de livros, leis, decretos etc., que registram, em latim, nossa memória. Mas os bibliotecários não dispõem, geralmente, do conhecimento de latim para lidar com essa massa documental, devido à falta das línguas clássicas nos *curricula* do ensino básico e nos cursos de Biblioteconomia.

Os livros e documentos em latim refletem o padrão cultural de uma época em que esse idioma clássico era de utilização internacional nas ciências. Segundo Henrique de Sousa Leitão, “a principal razão que explica a longa sobrevivência do latim como língua-franca da ciência reside na natureza essencialmente supranacional da atividade científica” (LEITÃO, 2004, p. 20). No Brasil, em 1962, o então Conselho Federal de Educação, por meio de suas “Normas para o ensino médio nos termos da Lei 4024/61”, mais conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assinada por João Goulart em 20 de dezembro de 1961, tornou o latim uma opção entre as disciplinas complementares no Ensino Básico,⁵ abrindo caminho para que fosse retirado do currículo de várias escolas brasileiras. Atualmente, o latim permanece, mormente, como

⁵ “Em atendimento à Lei, o CFE publicou, em 24 de abril de 1962, a Indicação s/n., contendo orientações para a organização dos quadros curriculares do ensino secundário ginasial e colegial. [...] Tal indicação trazia a lista de disciplinas obrigatórias para todos os sistemas do ensino médio secundário, bem como a lista de disciplinas complementares e optativas para o sistema federal de ensino, conforme a seguir: Disciplinas obrigatórias para o Ginásial e Colegial: Português (sete séries); História (seis séries); Geografia (cinco séries); Matemática (seis séries); Ciências (sob a forma de iniciação à Ciência, 2 séries, sob a forma de Ciências Físicas e Biológicas, 4 séries). O número de séries indicadas constitui o máximo, conforme Parágrafo único do Art. 1o.; Disciplinas complementares do sistema federal para o Ginásial e Colegial (Apenas uma das opções apresentadas): Desenho e Organização Social e Política Brasileira; Desenho e uma língua estrangeira moderna; Uma língua clássica e uma língua estrangeira moderna; Ou duas línguas estrangeiras modernas, em ambos os ciclos; Uma língua estrangeira moderna e filosofia (no 2o ciclo); Disciplinas de escolha pelos estabelecimentos de ensino (apenas 2 optativas das opções apresentadas, sendo 1 por série): Ginásial - Línguas estrangeiras modernas; Música (canto orfeônico); Artes industriais; Técnicas comerciais; Técnicas agrícolas; Colegial - Línguas estrangeiras modernas; Grego; Desenho; Mineralogia e geologia; Estudos sociais; Psicologia; Lógica; Literatura; Introdução às artes; Direito usual; Elementos de economia; Noções de contabilidade; Noções de biblioteconomia; Puericultura; Higiene e dietética; Práticas Educativas para o Ginásial e Colegial (Educação Física + 1 optativa pela escola): Educação cívica; Educação artística; Educação doméstica; Artes femininas; Artes industriais; Outras indicadas pelas escolas.” (QUEIROZ; HOUSOME, 2018, p. 6-7. Grifo nosso)

disciplina integrante apenas dos cursos de Letras de algumas universidades. Em razão disso, a catalogação de obras raras em latim exige do bibliotecário o conhecimento de um idioma que não é oferecido em sua formação educacional e acadêmica regular.

Por outro lado, verificam-se, no Brasil, a crescente demanda de pesquisas e publicações sobre Antiguidade, Medievo e Renascimento e o aumento significativo, nos últimos anos, de cursos, museus e laboratórios de história antiga e áreas afins, o que fez com que cursos especializados de Graduação e Pós-Graduação buscassem uma melhor estrutura para assessoramento, pesquisa e formação de pessoal especializado. Tal aumento da demanda traduziu-se pela constituição de uma considerável comunidade de pesquisa em nível de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Somente no estado do Rio de Janeiro, efetuou-se a consolidação de mais de trinta centros de pesquisa cujo interesse se volta a Antiguidade, Medievo e Renascimento, muitos deles com publicações periódicas ininterruptas há décadas. Tais centros possuem enorme volume de atividades interdisciplinares (ciclos, jornadas, palestras, cursos de especialização, minicursos, etc.) que interagem com pesquisadores e estudantes de outras IES no Brasil e no exterior, apontando o potencial que o Brasil possui quanto ao estudo da Antiguidade, Medievo e Renascimento. Nas reuniões científicas de cada um desses centros, são anualmente apresentadas dezenas de comunicações, com os mais variados temas de pesquisa a um público cada vez mais expressivo.

Nesse contexto, um passo importante para a ampliação e consolidação dessas atividades é a realização de ações de parceria entre a universidade e as instituições detentoras de obras raras, para o aprimoramento dos bibliotecários de acervos especiais no sentido de que lhes seja proporcionado maior conhecimento das especificidades das fontes de informação primárias e secundárias usadas por estudantes e especialistas em Antiguidade, Medievo e Renascimento. Cremos que esse é um caminho seguro e eficaz de aperfeiçoamento dos sistemas de recuperação de informações e de localização desse importante material de pesquisa. Pretendemos, com este glossário, proporcionar alguns recursos aos bibliotecários para a melhoria da catalogação de documentos em línguas clássicas e da qualidade da pesquisa documental no Brasil, auxiliando, ainda que indiretamente, os pesquisadores de acervos raros.

Cabe mencionarmos que este glossário se desdobrou de nosso projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, que vem sendo realizado em parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Faculdade de Letras da UFRJ. Por meio do projeto, auxiliamos os bibliotecários a revisarem informações dos

campos “título principal” e “impressão” de obras raras em latim e grego. Um dos problemas enfrentados em nosso trabalho foi a imprecisão dos dados sobre impressores desses itens biblioteconômicos já catalogados na base, sem contar a falta de padrão de seus nomes, que comentaremos adiante.

2 NOMES DE IMPRESSORES EM INCUNÁBULOS

O bibliotecário que já teve algum contato com incunábulos em latim deve ter percebido que os nomes de impressores verificam-se, geralmente, latinizados e com variações ortográficas (*Ioanis*, *Ioannis*, *Iohannis*, *Joanis*, *Joannis*, *Johannis* etc.) ou morfológicas, isto é, com terminações modificadas (*Johannis*, *Johanne*, *Johannem* etc.). Nesta seção, tencionamos abordar esses fenômenos, apontando dois fatores: a gramática (funcionamento) da língua latina (GRIMAL, 1986; BASSOLS DE CLIMENT, 1992; ERNOUT; THOMAS, 1993) e a falta de uma uniformização ortográfica do latim durante o Renascimento (IJSEWIJN, 1977; NUÑEZ GONZÁLEZ, 1991; RAMMINGER, 2014). Obviamente, não pretendemos esgotar o assunto neste breve texto introdutório, mas somente apresentar linhas gerais para que o bibliotecário compreenda um fenômeno tão comum que ocorre com nomes próprios latinos na documentação aqui em tela.

2.1 NOMES PRÓPRIOS EM LATIM

O acervo da FBN revela-nos que o saber foi transmitido em latim por um considerável tempo no mundo moderno. Uma rápida consulta ao seu catálogo *on-line* de obras em língua latina retorna-nos, aproximadamente, 3.100 registros, relacionados a assuntos variados: teologia, astronomia, astrologia, cosmografia, literatura, gramática, filosofia, direito, matemática, cartografia, geografia, medicina, biologia, botânica, anatomia, arquitetura, agricultura, história, tratados militares, para ficarmos nas generalidades temáticas. Não menos diversificados são os locais, anos de impressão e tipologias desses itens, que vão desde bíblias do séc. XV, como a *Bíblia de Mogúncia* (1462), até uma litogravura impressa em *Lipsiae* (Leipzig, Alemanha), em meados do séc. XIX, trazendo por legenda: “*Cultura agavae americanae, in campis mexicanis prope S. Juan de Teotihuacan*” (cultivo de agave americana em terras mexicanas perto de San Juan de Teotihuacan [México]).

Certamente, palavras como *agava*, *americanus* e *mexicanus* não existiam no

idioma dos antigos romanos. Aliás, palavras como essas constituem um obstáculo que o latim nas obras raras impõe mesmo a latinistas experimentados: uma parte significativa do vocabulário desses livros não é pesquisável em dicionários de latim clássico. Nesse sentido, seria muito conveniente que tivéssemos à disposição atualmente glossários de termos latinos empregados nas várias ciências modernas. Mas por que não se fez isso? Por que esses homens do passado não nos legaram esses glossários? Ou, antes, por que publicaram em latim e não em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão?

O século de nascimento do livro impresso em tipos móveis coincide com o período das grandes descobertas geográficas. Alargavam-se, ao mesmo tempo, o trânsito pelo mundo e o conhecimento. Se, na Idade Média, as cópias produzidas por um escriba destinavam-se à biblioteca de um aristocrata ou burguês local, no Renascimento italiano, os livros impressos pelos tipógrafos não tinham paradeiro certo. Uma boa prova disso é a atual acessibilidade de edições do séc. XV frente à extrema raridade de manuscritos ainda que da mesma época: na FBN, há pouco menos de 300 incunábulo, mas muito menos ainda códices manuscritos. Inserido num contexto de internacionalização, o livro impresso por tipos móveis surgiu sob a égide de um idioma comum, estudado nas regiões compreendidas pelo antigo Império romano e que, assim, servia de eficaz meio de intercâmbio de ideias: o latim.

De fato, o uso do latim em obras científicas impressas estende-se, na Idade Moderna, desde o séc. XV até pelo menos o XIX. Ainda que nesse período se verificassem o aumento significativo de publicações nas línguas vernaculares e a rápida diminuição de obras em latim, os livros escolares e científicos continuaram a ser impressos em língua latina por mais tempo do que imaginamos. À guisa de exemplo, a edição da Feira de Frankfurt realizada em 1680 trouxe a maioria dos livros em latim. Entre os livros publicados por Oxford de 1690 a 1710, 50% dos títulos estavam em latim, sem contar o fato de que, até o início do séc. XIX, era normal que dissertações acadêmicas fossem escritas em latim (RAMMINGER, 2014).

Somemos a isso o fato de que muitas obras escritas em línguas vernaculares eram traduzidas para o latim para atingirem um público maior (BURKE, 2009). É o caso de *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, tratado de Galileu Galilei publicado primeiramente em italiano em 1632 mas que se tornou conhecido internacionalmente por meio da edição latina de 1635. Da mesma forma, a física de Descartes ganhou ampla divulgação graças à tradução latina de Jacques Rohault, que chegou a seis edições publicadas entre 1672 e 1739.

Jacob Burckhardt, primeiro grande historiador do Renascimento, fala-nos, de maneira pitoresca, da febre latina que assolou os nomes próprios:

Também a pura e simples tradução de um nome para o latim ou grego (que, na Alemanha, tornou-se hábito quase generalizado) é perdoável a uma geração que falava e escrevia latim e que necessitava de nomes não apenas declináveis, como também apropriados à prosa e ao verso. Censurável e amiúde ridículo era, isso sim, a mudança parcial de um nome, tanto de batismo quanto de família, com o intuito de conferir-lhe tom clássico e novo significado. (BURCKHARDT, 2009, p. 236-237)

Assim, as páginas de rosto das obras raras exibiam nomes como *Americus Vesputius*, *Carolus Linnaeus* e *Johannes Keplerus*, em lugar de Amerigo Vespucci, Carl von Linné e Johannes Kepler. Mas não só os nomes dos autores eram latinizados: os próprios impressores se rebatizaram em latim – ex. *Aldus Manutius* (Aldo Manuzio), *Christianus Wechelus* (Christian Wechel), *Christophorus Plantinus* (Christophe Plantin), *Christophorus Froschouerus* (Christoph Froschauer), *Johannes Baptista Bidellius* (Giovanni Battista Bidelli), *Antonius Maximilianus* (Anton Maximilian Heiss), *Erasmus Kempferius* (Erasmus Kempfer), *Isaacus Elsevinus* (Isaac Elsevin) –, entre outros profissionais da tipografia. Vinculados a esses nomes, figuram substantivos designativos de atividades artísticas e intelectuais ou de profissões tão antigas como *poeta* (poeta), *magister* (professor), *philosophus* (filósofo), *mathematicus* (matemático), *medicus* (médico) quanto muito recentes como *impressor* (impressor) e *typographus* (tipógrafo). Além das personalidades envolvidas na produção do livro, até mesmo os nomes dos lugares vinham expressos em latim – ex. *Bononia* (Bolonha), *Amstelodamus* (Amsterdam), *Conimbrica* (Coimbra), *Lugdunum* (Lyon), *Francofurtus* (Frankfurt). Em resumo, o latim nas obras raras reflete a renovação do léxico latino devido à absorção de todo um vocabulário alusivo à contemporaneidade das artes, ciências modernas e tipografia.

Em que pese a obsessão por se latinizarem nomes, Burckhardt refere um fator acima de modismos, intrínseco às leis de funcionamento do latim. Uma vez que a língua latina era veículo de internacionalização do conhecimento, autores e impressores renascentistas precisavam de nomes declináveis.⁶ Mas o que isso significa? Em latim,

⁶ O latim é uma língua predominantemente sintética (do grego συνθητικός, que é colocado junto – prefixo preposicional συν- + verbo τιθεμι, por, colocar), o que significa dizer que há, nessa língua, a predominância de sintagmas lexicais, isto é, palavras que carregam consigo, em suas terminações, as

substantivos, adjetivos, pronomes, alguns numerais e formas nominais verbais declinam-se, isto é, apresentam terminações variadas que designam função sintática – ex. *Aldus typographus est* (Aldo é tipógrafo, “Aldo” = sujeito) X *liber impressus est ab Aldo*. (o livro foi impresso por Aldo, “por Aldo” = agente da passiva). Como vemos, para ser sujeito ou agente da passiva, o substantivo deve ter uma terminação específica (-us X -o). Portanto, o nome do autor ou do impressor deveria ser necessariamente latinizado por imposição gramatical e, assim, se submeter às regras do latim, para que assinalasse sua função sintática no texto da página de rosto. O nome latinizado deixava, portanto, de ser governado pelas leis de sua língua de origem – português, italiano, francês, alemão, espanhol.

Por essa razão, o nome de um mesmo impressor pode apresentar terminações diferentes em imprantas, colofões ou explicitos de obras raras: ex. *in officina Johannis Parvi* (na oficina de Jean Petit), *impressus a Johanne Parvo* (impresso por Jean Petit), *apud Johannem Parvum* (à venda na loja de Jean Petit). Na terminologia tradicional da gramática latina, esse fenômeno recebe a designação de flexão de caso, uma peculiaridade morfológica dos nomes latinos que, como apontamos, indica função sintática. Os idiomas modernos originários do latim – as línguas neolatinas (português, espanhol, italiano, francês) – não mantiveram a flexão de caso, mas guardam nos pronomes pessoais resquícios desse antigo sistema:

Ex.1 Eu vejo Aldo com Jean. (“eu” = sujeito)

Ex.2 Jean vê-me com Aldo. (“me” = objeto direto)

Ex.3 Aldo vê Jean comigo. (“comigo” = adjunto adverbial)

Como notamos, cada forma do pronome pessoal – “eu”, “me”, “comigo” – representa uma função sintática distinta – sujeito, objeto direto, adjunto adverbial. No entanto, essa característica circunscreve-se aos pronomes pessoais em nosso idioma – pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo –, uma vez que os nomes em geral mantêm suas formas, independentemente da função sintática que exerçam na frase: a mesma forma “Jean” é adjunto adverbial no exemplo 1, sujeito no exemplo 2 e objeto direto no exemplo 3, o que não ocorre no latim:

funções sintáticas que desempenharão na frase. O português, por outro lado, é uma língua predominantemente analítica (dependente da análise da ordem das palavras na frase e do uso de preposições para o conhecimento da função do termo). Dessa maneira, o que é expresso em latim por um termo com terminação de genitivo, para indicar posse, é exprimido, em português, por meio da preposição “de”.

- Ex.1 *Ego vidēo Aldum cum Johanne*. (Eu vejo Aldo com Jean).
 (“Johanne” = adjunto adverbial)
 Ex.2 *Johannis videt me cum Aldo*. (Jean vê-me com Aldo).
 (“Johannis” = sujeito)
 Ex.3 *Aldus videt Johannem mecum*. (Aldo vê Jean comigo).
 (“Johannem” = objeto direto)

A diferença entre as formas *Johanne*, *Johannis* e *Johannem*, como mostramos, consiste em terminações diferentes – 1) *-e* (adjunto adverbial), 2) *-is* (sujeito), 3) *-em* (objeto direto). Portanto, não basta mudarmos a ordem das palavras na oração latina para modificar suas funções sintáticas, como fazemos em português ou qualquer outra língua neolatina. É necessário alterarmos morfologicamente a palavra. Por essa razão, os nomes dos autores, tipógrafos, fundidores de tipos, locais de impressão, entre outros, tinham de ser latinizados: para que oferecessem a possibilidade da flexão de caso, ou seja, para que fossem declináveis e se adequassem ao sistema gramatical latino. Caso contrário, seria inviável a identificação da função da palavra nos títulos, incipits, imprentas, explicitos e colofões das obras raras impressas em latim.

Devido à flexão de caso, os nomes latinos apresentam virtualmente possibilidades variadas de forma. Guardadas as devidas proporções, é o que ocorre com nossos substantivos: “Antônio”, por exemplo, oferece duas possibilidades de forma, uma para singular – “Antônio” – e uma para plural – “Antônios”. A morfologia dos nomes latinos, por sua vez, é bem mais complexa, já que precisa dar conta não apenas de singular e plural, mas ainda de inúmeras funções sintáticas. A terminologia tradicional da gramática latina atribui uma designação especial para cada forma do nome, associada a uma ou mais funções sintáticas – nominativo (sujeito e predicativo do sujeito), acusativo (objeto direto etc.), ablativo (adjunto adverbial, agente da passiva etc.), dativo (objeto indireto etc.), genitivo (adjunto adnominal etc.) e vocativo (vocativo):

Guido Mercator typographus est (Guy Marchant é um tipógrafo).
Guido Mercator = sujeito => caso nominativo (nom.)

In officina Guidonis Mercatoris (na oficina de Guido Marchant).
Guidonis Mercatoris = adjunto adnominal => caso genitivo (gen.)

Scire Guidonem Mercatorem (conhecer Guido Marchant).
Guidonem Mercatorem = objeto direto => caso acusativo (acus.)

Liber impressus est a Guidone Mercatore (o livro foi impresso por

Guido Marchant).

a Guidone Mercatore = agente da passiva => caso ablativo (abl.)

Tribuere typographiam Guidoni Mercatori (atribuir uma tipografia a Guido Marchant).

Guidoni Mercatori = objeto indireto => caso dativo (dat.)

Salve, Guido Mercator! (olá, Guido Marchant!).

Guido Mercator = vocativo => caso vocativo (voc.)

2.2 FLUTUAÇÕES NA GRAFIA DO LATIM DURANTE O RENASCIMENTO

Durante a manutenção do Império romano, e mesmo após sua queda em 476 d.C., o latim entrou em contato com falares locais que o matizaram com sonoridades diferenciadas (CORASSIN, 2001; BOWDER, 1989; BORNECQUE; MORNET, 1977; BAILY, 1992; LE GLAY, 1981; MENDES, 1988; MOMMSEN, 2004; PIGANIOL, 1939; ROSTOVZEFF, 1977). Com o passar dos séculos, o idioma dos antigos romanos transformou-se nas línguas atualmente faladas na Europa – francês, português, espanhol, italiano etc. Assim é que flagramos, em textos latinos de manuscritos medievais ou de incunábulo renascentistas, reflexos da língua falada. Inexoravelmente, a pronúncia latina dos homens do Medievo recebeu influxo de seus vernáculos.

Em se tratando da pronúncia latina para textos bíblicos e litúrgicos, o italiano sempre foi uma referência no Ocidente. Sediado no Vaticano, o cristianismo ocidental tem por língua internacional o latim com sotaque italiano. Quem frequenta missas com canto gregoriano está habituado a ouvir sacerdotes pronunciarem *ecce agnus dei* (eis o cordeiro de Deus) [*etche ãnhus dei*] e não [*eke agnus dei*], como um professor de latim clássico. Para usarmos termos técnicos, o “c” antes de “e” e “i”, em italiano, representa uma fricativa palatal, som análogo ao chiado fluminense do “t” antes de “i” – ex. tia [tchia], fatia [fatchia]. Essa tendência de se palatalizar o “t” seguido de “i” não é exclusiva da língua portuguesa do Brasil – o fenômeno já ocorria na Idade Média, em regiões da Europa, amplamente documentado em manuscritos. Não é à toa que verificamos em incunábulo palavras com “ti” escritas com “ci”, já que ambas as grafias representariam o mesmo som [tchi]: *amiciciarium* em lugar de *amicitiarium* (das amizades); *adulacião* em lugar de *adulatião* (adulação); ou “e” em lugar de “ae”: *divine historie* em lugar de *divinae historiae* (da história sagrada).⁷

⁷ Não será de mais termos em mente que o plural em -e do feminino italiano – *vite* (vidas), *ruote* (rodas) –

Com o tempo, as novas gerações de impressores purgariam, nos pós-incunábulo, os textos latinos dessas marcas de oralidade em nome de um ideal de pureza linguística. Nesse sentido, Aldo Manuzio foi inovador, por reunir numa academia os homens mais sábios de seu tempo, entre os quais Pietro Bembo e Erasmo de Roterdã – todos a serviço da qualidade do texto (MANUZIO, 1561, p. 5.). Surgia, assim, a figura do *curans* (do latim *curare*, cuidar), aquele que cuidava e zelava para que a impressão fosse fiel ao texto que se julgava ter escrito o autor. Abria-se espaço, então, para discussões filológicas e sobre a forma correta de se grafarem as palavras latinas. Em variados países da Europa, eruditos produziram livros sobre a *ortographiæ ratio* (sistema ortográfico) do latim.

Veremos, por exemplo, as corruptelas ortográficas apontadas anteriormente (*ae* > *e*, *ti* > *ci*) devidamente corrigidas. Acerca de *aerumna* (sofrimento), o neto de Aldo Manuzio dirá em sua *Orthographiæ ratio* (1561) “*cum ae, a graeco αἴρειν. Festus*” (MANUZIO, 1561, p. 48), i.e., com ‘ae’, do grego αἴρειν. Festo, preocupando-se não apenas em ensinar a correta ortografia da palavra bem como em citar suas fontes de informação, no caso, o gramático Festo. Com relação ao fenômeno *ti* > *ci*, há outra passagem que nos é bastante oportuna: “*Titius, cum t. Lapides. Vide patricius*” (*Titius*, com ‘t’. Lápides. Confirma *patricius*). Somos remetidos, então, ao verbete “*Patricius, cum c. Libri, graeca consuetudo et lapides*” (MANUZIO, 1561, p. 37), i.e., *Patricius*, com ‘c’. Livros, hábito grego e lápides. Aqui, o autor recorre a inscrições epigráficas em lápides e ao léxico grego. Explicando melhor: assim como *Titius* (Tício, nome de família romana) deve se escrever com “t” e não com “c”, *patricius* (patrício) escreve-se com “c” e não com “t”. Trata-se, portanto, da flutuação de grafias “ti” e “ci” abordada no parágrafo acima.

Herdeiros de um latim considerado “impuro”, legado pela Idade Média, os renascentistas tencionaram reconduzir a língua dos romanos ao esplendor. Restaria examinarmos se, de fato, os autores de *ortographiæ rationes* lograram êxito em seu objetivo de planificar a ortografia da língua latina. Mas as obras raras, logo de saída, mostram-nos que não houve uma completa uniformização ortográfica do latim, enquanto foi utilizado como língua franca do conhecimento, ainda mais em se tratando de palavras contendo as letras “i”, “j”, “u” e “v”. Por vezes, vemos grafias diferentes para os mesmos substantivos – ex. *Iacobus* X *Jacobus* (Jacob); *Elseuinus* X *Elsevinus*

consiste na transformação histórica da terminação plural do feminino latino – *vitae* (vidas), *rotae* (rodas).

(Elsevin).

Como vemos, a ortografia latina esteve longe de atingir uniformidade no Renascimento. A falta de padronização ortográfica devia-se, em parte, ao estado de transformação por que passava o conhecimento acerca da língua latina, como podemos constatar graças ao acúmulo gradativo de informações sobre a ortografia antiga obtidas por meio da epigrafia, numismática, dos melhores manuscritos antigos e dos argumentos etimológicos dos antigos gramáticos. Devemos ter em mente também o pragmatismo ortográfico dos humanistas renascentistas, que adaptavam a ortografia conforme o leitor almejado, adotando uma maneira mais tradicional de escrever uma carta para um destinatário conservador. A diversificação da ortografia encontrava-se também relacionada às preferências de um determinado escritor, copista ou tipógrafo. Dessa maneira, normalizar ou padronizar a ortografia de textos renascentistas conforme regras atuais seria um grande erro, já que os hábitos ortográficos de latim observados em autores do Renascimento poderiam refletir a grafia dos seus coevos, preceitos de manuais da época e ainda ortografias que assinalavam ideias etimológicas, como por exemplo as de *celum/coelum* (*caelum*) e de *author* (*auctor*), que se julgavam oriundos respectivamente de *celare/koilos* e *authentēs*; ou ainda de *sylva* (*silva*), que, conforme explicação de Cellarius, viria do grego ὕλη (bosque). Assim, não podemos esperar uniformidade ortográfica em nomes de impressores de incunábulos.

3 A INDICAÇÃO DE IMPRESSOR EM LATIM

Indicar onde uma obra foi impressa ou estava à venda servia não apenas para fins de publicidade, bem como para fiscalização. As autoridades tinham que saber qual pessoa/estabelecimento era responsável pela impressão e/ou comercialização do livro para checar se o texto impresso correspondia de fato ao texto aprovado pelos órgãos de controle. Inicialmente, essa informação aparecia ao final da obra, nos *explicit's* dos incunábulos (séc. XV), mas já nos pós-incunábulos (séc. XVI) migrou para a página de rosto, podendo vir repetida ou complementada no colofão. Em geral, a indicação do impressor era feita por meio de expressões *ex/in* + substantivos *officina* (oficina), *typographia* (tipografia) e *aedis* (casa ou loja) em ablativo + antropônimo em genitivo: ex. *ex officina Isaaci Elzeviri* (da oficina de Isaac Elzevir), *in aedibus Antonii à Maris* (na loja de António de Mariz). Registra-se também o uso de *typus* (tipo) em ablativo plural sem preposição: *typis Gabrielis de Sancha* (com os tipos de Gabriel de Sancha).

Merecem menção expressões com os substantivos *bibliopola* (livreiro), *typogrāphus* (tipógrafo) e *impressor* (impressor) no acusativo. Esses substantivos também se constroem com antropônimos e são preposicionados por *apud*, que significa “em” ou “em casa de”, em acepção mais clássica. No universo da tipografia, *apud* adquire o sentido de “à venda em casa de, na loja de”: ex. *apud bibliopolam Antonium Barneoud* (à venda na loja do livreiro Antoine Barneoud); *apud Logdovicum Rotorigium typogrāphum* (à venda na loja do tipógrafo Luís Rodrigues); *apud impressores Camerales* (à venda na loja dos impressores Camerales).

Verifica-se também o uso do verbo *vendēre* (vender) junto a expressões com *apud*: ex. *Itinerarium Exstaticum Kircherianum, Physica Curiosa, & Technica Curiosa, venduntur Francofurti & Norimbergae, apud Johannem Andream Endterum, & Wolfgangi Juniores Haerēdes* (Vendem-se o *Itinerário estático*, a *Física curiosa* e a *Técnica curiosa* de Kircher em Frankfurt e Noruega, na loja de Johann Andrea Endter, e dos jovens herdeiros de Wolfgang). Outros verbos usados para indicar o nome do impressor são *premere* e seu composto *imprimere*: ex. *pressit apud Argentoracos hoc opus ingeniosus vir Johannes Gruniger* (o talentoso Johann Grüniger imprimiu esta obra em Strasburg); *impressit hoc opus Angelus Britannicus die IIII Julii MCCCCLXXXVII* (Angelo Britânico imprimiu esta obra no dia 4 de julho de 1487); *impressit hoc opus Laurentius Hayus* (Laurentius Hayus imprimiu esta obra). Registram-se, ainda, outros usos de *imprimere* em que se emprega a voz passiva do pretérito perfeito do indicativo: ex. *impressum est hoc opus Avenioni per Johannem de Channey anno 1525* (esta obra foi impressa em Avignon por Jean de Channey no ano de 1525); *hoc opus impressum est Bononiae Dominico Lapio Bononiensi procurante ab exemplari ipsius Galeotti. Anno MCCCCLXXVI* (Esta obra foi impressa em Bolonha editando Domenico Lapiro Bolonhês a partir do exemplar do próprio Galeoto).

É importante termos em mente que, durante muito tempo, os próprios tipógrafos vendiam os livros que imprimiam. Portanto, o impressor, por vezes, era também livreiro, motivo para a preposição *apud* se generalizar e para serem dispensados os substantivos *typogrāphus* e *impressor*: ex. *apud Sebastianum Cramoisy* (à venda na loja de Sebastian Cramoisy); *apud Johannem Baptistam Bellagambam* (à venda na loja de Giovanni Battista Bellagamba); *apud Johannem Baptistam Bidellium* (à venda na loja de Giovanni Battista Bidelli). Mas havia livros que não eram comercializados por seu impressor: ex *officina Christophori Plantini, apud Johannem Moretum* (da oficina de Christophe Plantin, à venda na loja de Johann Moret); ex *officina Gerardi Morbii, apud*

Collegium Sorbonae (da oficina de Gerard Morb, à venda no Colégio de Sorbonne). Em lugar de *apud*, ocorre também *per*, que significa “por” ou, mais adequadamente ao âmbito da tipografia, “impresso por”: ex. *per Johannem Rubëum Vercellensem* (impresso por Giovanni Rivio de Vercelli); *per Petrum Pernam* (impresso por Pierre Perna); *per Johannem Lufft* (impresso por Johann Lufft).

O local de venda da obra era informado às vezes com o verbo *pro stare* (estar à venda ou em exposição), referindo-se aos exemplares do livro: ex. *Prostant Norimberae apud dictos Endteros* ([os exemplares] estão à venda na Noruega, na loja dos conhecidos Endters); *prostantque apud Aegidium Elsevirum* (e [os exemplares] estão à venda na loja de Aegidio Elsevier; *reliqui omnes prostant Francofurti, apud Johannem Arnoldum Cholinum, & apud Haeredes Johannis Godefridi Schönvvetteri* (todos os [exemplares] restantes estão à venda em Frankfurt, na loja de Johann Arnold Cholinus e na loja dos herdeiros de Johann Gottfried Schonwetter); *prostant in via Jacobëa apud Claudium Chevallon sub Sole Aurëo et apud Johannem Parvum sub Lilio Aurëo* ([os exemplares] estão à venda na rua Saint Jacques, na loja de Claude Chevallon sob o Sol de Ouro e na loja de Jean Petit sob o Lírio de Ouro). Registra-se ainda, na indicação do local de venda da obra, expressões com *est venalis* (é o vendedor): ex. *apud quem est venalis* (à venda na loja de quem é o vendedor).

A indicação de impressor podia ser feita também por meio de adjetivos derivados de nomes de tipógrafos famosos, como Christophe Plantin (*Plantinianus*), Aldo Manuzio (*Aldinus*), Sébastien Nivelles (*Nivellianus*), Henric Fetter (*Fetrinus*), Chrétien Wechel (*Wechelianus*), Johann Froben (*Frobenianus*), Johann David Zunner (*Zunnerianus*): ex. *ex officina Plantiniana* (da oficina de Plantin); *in officina Aldina* (na oficina de Aldo); *ex officina Nivelliana* (da oficina de Nivelles); *ex accuratissima officina Frobeniana* (da apuradíssima oficina de Froben). Esses adjetivos verificam-se comumente quando se quer indicar que o livro saiu da oficina de um impressor mas quem o imprimiu foi, na verdade, outra pessoa, na maioria das vezes seu descendente: ex. *ex officina Frobeniana per Hyeronimum Frobenium et Nicolaum Episcopium* (da oficina de Froben, impresso por Hyeronimus Froben e Nicolaus Episcopio [filhos de Johann Froben]); *ex officina Frobeniana, per Ambrosium et Aurelium Frobenios, fratres* (da oficina de Froben, impresso pelos irmãos Ambrosius e Aurelius Froben [netos de Johann Froben]). Havia casos de livros que não se encontravam à venda na livraria de quem o imprimiu: ex. *in officina Wechelianae, apud Danielelem et Davidem Aubrios et Clementem Schleichium* (impresso na oficina de Whechel, à venda na livraria

de Daniel e David Aubri e de Clemens Schleich); *ex officina Plantiniana, apud Franciscum Raphelengium* (da oficina de Plantin, à venda na livraria de Frans van Ravelingen); *ex officina Plantiniana, apud Christophorum Raphalengium* (da oficina de Plantin, à venda na livraria de Christopher van Ravelingen); *ex officina Zunneriana, apud Johannem Adamum Jungium* (da oficina de Zunner, à venda na livraria de Johann Adam Jung); *ex officina Nivelliana, apud Sebastianum Cramoisy* (da oficina de Nivelles, à venda na livraria de Sébastien Cramoisy).

Em algumas obras raras, consta a informação de livreiro junto à de impressor, por meio dos substantivos *impensa, ae* (custas) e *sumptus, us* (gastos). Essas palavras verificam-se no ablativo e acompanhadas de antropônimos em genitivo para indicar o(s) impressor(es): *ex. apud Jacobum Lunam: Impensis Leonardi Parasoli & sociorum* (à venda na loja de Giacomo Luna: às custas de Leonardo Parasoli e sócios), *apud Antonium Augerellum, impensis Johannis Parvi & Galeoti à Prato* (à venda na loja de Antoine Augereau, às custas de Jean Petit e Galliot Du Pré), *apud Antonium Fulgonium sumptibus Stephani Borgiae Cardinalis* (à venda na loja de Antonio Fulgoni, às custas do cardeal Stefano Borgia), *sumptibus Venantii Monaldini, ex typographia Octavii Puccinelli* (às custas de Venancio Monaldini, da tipografia de Octavio Puccinelli). Há ainda imprentas que trazem três informações: impressor, financiador e livreiro – *ex. ex officina Alberti Henrici. Impensis authoris & Cornelii Nicolai, prostantque apud Aegidium Elsevirum* (da oficina de Albert Henri. Às custas do autor e de Cornelio Nicolau, e à venda na loja de Aegidius Elsevier).

A obra rara pode trazer também a informação do bairro do impressor, por meio da expressão *in + vicus* (bairro) em ablativo + antropônimo em genitivo: *in vico Sancti Jacobi* (no bairro de Saint-Jacques, isto é, Quartier Saint Jacques [Bruxelas, Bélgica]); *in vico Sancti Petri* (no bairro de São Pedro [Pádua, Itália]). Registram-se expressões *via* (rua) em ablativo + antropônimo em genitivo para indicar a rua do impressor: *via Sancti Jacobi* (na rua Saint-Jacques [Paris, França]); *via Sancti Severini* (na rua de Saint-Séverin [Paris, França]); *via Richellii* (na rua de Richelieu [Paris, França]). Merecem menção ainda expressões *sub + scutum* (escudo) ou *signum* (sinal) em ablativo + substantivo em genitivo ou simplesmente *sub + substantivo* em ablativo, designativas de sinais que identificavam a fachada da livraria: *ex. sub scuto Florentiae* (sob o escudo de Florença, *i.e.*, na livraria de Jean Foucher), *sub scuto Venetiarum* (sob o escudo de Veneza, *i.e.*, na livraria de Jean Petit), *sub signo Salamandrae* (sob o sinal da Salamandra, *i.e.*, na livraria de Denis Moreau), *sub Ciconiis* (sob as Cegonhas, *i.e.*,

na livraria de Sébastien Nivelles), *sub flore Liljo* (sob a flor do Lírio, *i.e.*, outra livraria de Jean Petit).

Nas indicações de endereço do impressor, o substantivo *via* constrói-se, por vezes, com o adjetivo participial *dictus* (chamada), de tradução desnecessária, e anuncia o nome do logradouro: *via dicta Des Mathurins, S.-J., n° 14* (na rua [chamada] Des Mathurins, Saint-Jacques, n° 14); *via dicta Sainte-Anne, n° 55* (na rua [chamada] Saint-Anne, n° 55). Em lugar de *dictus*, pode ocorrer o adjetivo derivado do próprio nome da rua, como a *vie de Saint-Jacques*, que em latim era conhecida como *via Iacobaea* (rua de Jacques), lugar disputado por impressores devido à vizinhança da universidade de Sorbonne. Há ainda designações em que se emprega *vicus* em lugar de *via*: ex. *in vico Iacobaeo*. (no bairro de Jacques).

Como expusemos brevemente, há toda uma complexidade de informações por trás de simples expressões latinas em páginas de rosto, *incipit's*, colofões e *explicit's* de obras raras. Nosso objetivo, neste curto texto introdutório, não é habilitar o bibliotecário à análise e leitura dessas construções, uma vez que demandaria algum tempo de dedicação ao estudo do latim e de seu emprego nas obras raras. Por outro lado, importa reafirmarmos, à guisa de resumo conclusivo, que a mudança de função desempenhada pela palavra constitui um dos mais básicos motivos de alteração morfológica, razão para encontrarmos um mesmo nome próprio como terminações diferenciadas na documentação em latim. É o que veremos nos verbetes do glossário a ser disponibilizado na próxima seção.

4 GLOSSÁRIO LATINO DE IMPRESSORES DE INCUNÁBULOS

Apresentamos nesta seção o glossário latino de impressores, elaborado a partir do acervo de incunábulo da FBN. Longe de buscarmos exaurir os nomes de impressores dessa fase da impressão em tipos móveis, nosso intuito foi tão somente o de propor uma padronização de informações para os registros desses incunábulo no catálogo *on-line* da FBN. Trata-se, portanto, de um glossário de pequeno porte, com 364 entradas, em que o consulente terá à disposição 98 verbetes de nomes próprios padronizados no vernáculo original do impressor ou livreiro (português, espanhol, francês, inglês, italiano ou alemão), conforme tabelas de identidade de bases de referência

internacional: 1) *World Catalog* (WorldCat),⁸ atualmente o maior catálogo *on-line* do mundo, com dados de mais de 71.000 bibliotecas públicas e privadas de vários países e mais de 150 milhões de registros em 470 idiomas; 2) *Library of Congress* (Livraria do Congresso Americano), detentora de um acervo de mais de 155 milhões de itens em 470 idiomas, considerada a maior biblioteca do mundo; 3) *Incunabula Short Title Catalogue*, base internacional de impressões europeias do séc. XV depositadas na *British Library*;⁹ 4) *Biblissima*,¹⁰ base *on-line* que concentra informações extraídas de doze fontes de dados, dentre as quais destacamos: *Esprit des livres*, catálogo de vendas de bibliotecas modernas; *Bibale*, base de dados sobre textos medievais e primeiras impressões no Ocidente; catálogos regionais de incunábulo informatizados da universidade de Tours.

Cada verbete do glossário dispõe de: [1] entrada com grafia de acordo com a documentação em que se baseou nossa pesquisa; [2] termo padrão e [3] anos de nascimento/falecimento ou de atividade, definidos a partir das tabelas de identidade das bases supramencionadas; [4] cidade de atuação, também conforme nossa documentação; [5] formas alternativas dos nomes que podem se encontrar em outros documentos: ex. [1] **ADAMUS DE AMBERGAU** [2] Adam de Ambergau [3] (fl. 1471-1472); [4] Veneza (Itália); [5] formas alternativas: Adam d'Ambergau, Adam von Ammergau. Além desses verbetes, há ainda 266 remissivas, que proporcionam ao consulente chegar ao verbete principal, tendo iniciado a consulta por um sobrenome, gentílico, abreviatura ou formas alternativas dos mesmos: ex. **ADRIANOPOLITANUS** cf. **HERBORT DE SELGENSTAT**; **Z.G., Z.G.I.** cf. **GREGORIUM DE GREGORIJS.**

A

ACHATES, ACATE, AGTSTEIN cf. **LEONARDUS ACHATES.**

ADAMUS DE AMBERGAU Adam de Ambergau (fl. 1471-1472); Veneza (Itália); grafias alternativas: Adam d'Ambergau, Adam von Ammergau.

ADRIANOPOLITANUS cf. **HERBORT DE SELGENSTAT.**

AGRIPPINUS cf. **JOANNIS D' COLONIA.**

ALAMANIA cf. **LEONARDUS PACHEL.**

ALAMANUM, ALAMANUS cf. **UDALRICUM GALLUM ALAMANUM.**

⁸ Acessível em: www.worldcat.org.

⁹ Acessível em: <https://data.cerl.org/istc>.

¹⁰ Acessível em: <http://beta.biblissima.fr>

ALDUS MANUTIUS Aldo Manuzio (1449/1450-1515); Veneza (Itália); grafias alternativas: Alde l'Ancien, Aldo (Aldas, Alde, Aldos) Manuzio (Mannucci, Manoutio, Manoutios, Manuccio, Manuccius, Manuce, Manucijus, Manucio, Manucjusz, Manuczusz, Manus, Manutios, Manuzio, Manutio, Manuzius, Manuzzi), Alde Manuce l'Ancien, Aldo Romano (Romanus), Aldus Pius, Aldo Pio Manuccio (Manucci), Bassianus Aldus (Latinus), Teobaldo Mannucci, Aldus Roman (Romanus) Manucius (Manutius), Manutius Starszy, Romani Aldi Manutii.

ALEMANI cf. **HERBORT DE SELGENSTAT**.

ALEMANI cf. **HERBORT DE SELGENSTAT**.

ALEMANNUS cf. **SIXTUS RIESSINGER**.

ALERENSIS, ALERIA, ALERIE, ALERIENSIS cf. **JOHANNEM MANTHEN DE GHERRETZEM**.

ALEXANDRIA cf. **BARTHOLOMEI ALEXANDRINI**.

ALEXANDRINI cf. **BARTHOLOMEI ALEXANDRINI**.

ALEXANDRINUM, ALEXANDRINUS cf. **THOMAM ALEXANDRINUM**.

AMBERGAU, AMMERGAU cf. **ADAMUS DE AMBERGAU**.

AMBEVILLE cf. **JOHANNEM DE VINGLE**.

AMERBACENSIS cf. **JOANNEM DE AMERBACH**.

AMERBACH, AMERBACHIUS, AMMERBACH, AMORBACH cf. **JOANNEM DE AMERBACH**.

AMERBACHIUS cf. **JOANNEM DE AMERBACH**.

ANCIEN cf. **JOANNIS D' COLONIA**.

ANCIEN, L'ANCIEN cf. **ALDUS MANUTIUS**.

ANDLAU cf. **PETRUM SCHOIFFHER**.

ANDREAE DE ASULA Andreas de Asula Torresanus (1451-1529); Veneza (Itália); grafias alternativas: Andrea Asola, André (Andrea) d'Asola, André (Andrea) da Asola (Axolla), Andreas (Andrea) de Asula, Andrea (Andreas) Socer (Socerus), Andrea (Andreas) Torresano (Thoresanus, Toresano Toresannus) Venetian, Andreas (Andrea) Asulano (Asolano, Asulanus, Brixianus), Andreas de Thoresanis (Thoressanis), Andreas (Andrea) de (di) Asula Thoresanis (Thoressanis, Thoresanus, Thorressanis, Toresani, Toresannus), Andrea (Andreas) di Toresani (Toresanis).

ANDREAE PORTILIAE Andrea Portilia (fl. 1480-1481); Parma (Itália); grafias alternativas: Andreas Portillia.

ANDREAM JACOBI DE CATHARA Andreas Paltasichis (fl. 1476 – 1493); Veneza (Itália); grafias alternativas: Andream (Andreas) Jacobi de Chataro (Catthara), André de Kotor, Andreas Catarensis (Catharensis), Andreas de Cataro, Andreas Jacobi Catharensis

(Katharensis), Andreas (Andrea) Paltaszichis (Paltasichi, Paltassich), Andrija (Andreas) Paltašić (Paltasichis) Kotoranin (Catarensis), Andreas de Paltasichis (Paltascichis) Catarensis (Catharensis), Andreas (Andrea) de Paltasichis (Paltascichis, Paltaszichis), Andrea Paltasichis da Cataro.

ANGELUS BRITANICUS (fl. 1485 – 1517); Bréscia (Itália); grafias alternativas: Angelo (Angelus) Britannici (Britannicis, Britanico, Britannico, Britannicus, Brixienis), Angelus et Iacobus Britannici, Angelo de Britanici (Britannicis), Britannicus Angelus et Britannicus Iacobus.

ANIMA, ANIMAMIA cf. **GULIELMUS TRIDINENSIS**.

ANTHONIUS KOBERGER Anton Koberger (c. 1440-1513); Nuremberg (Alemanha); grafias alternativas: Anthonij (Anthon, Anthoni, Anthonien, Anthonius, Anthony, Anton, Antonio, Antonius, АНТОН) Koburgers (Cobergen, Coberger, Coburger, Koberger, Koburger, Koburberger, Коберрег).

ANTONII DE STRATA Antonius de Strata (fl. 1479-1492); Veneza (Itália); grafias alternativas: Antonio (Antonius) da (de) Strada (Strata), Antonius de Cremona, Antonius de Strata Cremonensis.

ANTONIUM DE CARCHANO Antonius de Carcano (fl. 1472 – 1497); Pávia (Itália); grafias alternativas: Antonium (Antonio, Antonius) de Carchauo (Calcano, Calcanus, Carchano, Carchanus, Carchenus, Carcauo), Antonio (Antonius) Carcano (Carcanus).

ANTONIUM ZAROTUM Antonio Zarotto (c. 1450-1510); Milão (Itália); grafias alternativas: Antonius (Antonio) Zarotus (Zarothus, Zarotis), Antonius de Zarotis, Antonium Zarotum Parmensem.

ARCE cf. **JOHANNEM WINTERBURG**.

ARGENTEUS cf. **EUCHARIUS ARGENTEUS**.

ARGENTINA cf. **MARCUM REINHARDI DE ARGENTINA; SIXTUS RIESSINGER**.

ARRIUABENUS, ARRIVABENE, ARRIVABENIS, ARRIVABENUM, ARRIVABENUS cf. **GEORGIUM DE ARRIVABENIS**.

ASOLA, ASULA cf. **THEODORUM DE RAGAZONIBUS DE ASULA; cf. ANDREAE DE ASULA**.

ASOLANO, ASULANO, ASULANUS cf. **ANDREAE DE ASULA**.

AUGUSTA cf. **ERHARDI RATDOLT**.

AXOLLA cf. **ANDREAE DE ASULA**.

B

BABILAQUA cf. **SIMONEM BEUILAQUAM**.

BALSARIM, BALSARIN, BARLARIN cf. **GUILLERMUM BALSARIM**.

BARTHOLOMEI ALEXANDRINI Bartholomaeus de Blavis (f. 1481-1485); Veneza (Itália); grafias alternativas: Bartholomaeus de Alexandria, Bartholomeus (Bartholomaeus, Bartolomeo) de Blavis (Blavi, Blavio, Blavis), Thomas de Alexandria.

BARTOLOMEUM DE ZANNIS Bertholomaeus de Zanis de Portesio (fl. 1486-1515); Veneza (Itália); grafias alternativas: Bartholomaeus (Bartholomeus, Bartholomio, Bartolammeo, Bartolomeo, Barthélemy, Bartholomaeus, Bertholomeum, Bertholomeus) de (dei) Zanis (Zani, Zanni, Zannis), Bartolomeo da Portese, Bartolomeus (Bartholomaeus, Bartholomeus, Bartholomio, Bartolomaio, Bartolomeo, Bartolommeo, Bertolamio, Bartolomio) de (dei, di) Zanis (Zani, Zannis) de (da) Portesio (Portese, Porteso), Master Bartholomew, Bartolomeo Portesio, Barthélemy (Bartholomaeus, Bartolomeo) Zani (Zanni, Zannis), Barthélemy (Bartholomaeus, Bartolamio) Zani (Zanus) de Portesio, Bartholomaeus Zaninus Portesium.

BASILEA, BÂLE cf. **LEONARDUS ACHATES**.

BASSIANUS cf. **ALDUS MANUTIUS**.

BENAGLI, BENAGLIO, BENAGLIUS, BENALEIS, BENALEUS, BENALI, BENALIIS, BENALIJS, BENALIO, BENALIUM, BENALIUS, BENATIUS cf. **BERNARDINUM BENALIUM**.

BENEDICTIS cf. **NICOLAI CATALANI**.

BENEDICTUM HECTORIS Benedetto Faelli (fl. 1487-1523); Bolonha (Itália); grafias alternativas: Benedetto da Bombiana, Benedetto di Ettore Faelli, Benedictus Bononiensis, Benedictus (Ben.) Hectoris Faelli (Faellii), Benedictus (Benedetto, Benedicto) Hectorius (Hector, Hectoreus, Hectori, Hectoris), Benedetto Faelli, Benedictus de Hectoreis, Benedictus Hectoris de Phaelis.

BENSHEIM, BENSSEHEYM, BENZHEIM cf. **NICOLAUM PISTORIS DE BENSSEHEYM**.

BERCKMAN, BERGMAN, BERGMANN cf. **JOHANNIS BERGMANN DE OLPE**.

BERGAMASCHO, BERGAMO, BERGOMAS, BERGOMENSEM, BERGOMENSIS cf. **PETRUM BERGOMENSEM DE QUARENGIJS**.

BERGAMO cf. **BERNARDINUM BENALIUM**.

BERGOMENSEM, BERGOMENSIS cf. **BERNARDINUM BENALIUM**.

BERNARDINUM BENALIUM Bernardinus Benalius (c. 1483 – c. 1543); Veneza (Itália); grafias alternativas: Bernardinum de Benalijs Bergomensem, Bernardino (Bernardinus) Benagli (Benaglio, Benaglius, Benaleus, Benali, Benaliis, Benalio, Benalius, Benatius), Bernardinus de Benaleis (Benaliis), Bernardinus Bergomensis (Pergomensis), Bernardinus de Bergamo.

BERNARDINUM DE NOVARIA Bernardino Rizzo (fl. 1471-1492); Veneza (Itália); grafias alternativas: Bernardinus de Novaria (Nouaria), Bernardinus Celerio de Novaria, Bernardinus Rizus de Novaria, Bernardinus Rizus Novariensis (Novariensis), Bernardinus (Bernardino, Bernardo) Ricus (Rizo, Rizus).

BERNARDINUM DE TRIDINO Bernardino Stagnino (? – 1540); Veneza (Itália); grafias alternativas: Bernardinus de Tridino, Bernardus (Bernardinus) Stagninus, Bernardino Giolito de Ferrari, Bernardino a Trino Giolito de Ferrari, Bernardinus Iolitus, Bernardino (Bernardinus, Bernardus) Stagnino (Stagninus) de Tridino, Bernardinus Stagnus de Tridino Montisferrati (Motisferrati).

BERNARDINUS MISINTA Bernardino de Misintis (fl. 1492-1505); Bréscia (Itália); grafias alternativas: Bernardinum (Bernardinus) de Misintis, Bernardino Misinta.

BEUE cf. **SIMONEM BEUILAQUAM**.

BEUELAQUA, BEUELAQUE, BEUILAQUA, BEUILAQUAM, BEVELAQUA, BEVILACQUA, BEVILAQUA cf. **SIMONEM BEUILAQUAM**.

BIBILAQUA, BIUILAQUA, BIVILAQUA cf. **SIMONEM BEUILAQUAM**.

BLANCK cf. **STEPHANUS PLANNCK**.

BLAUIS, BLAVI, BLAVIO, BLAVIS cf. **BARTHOLOMEI ALEXANDRINI**.

BOILEAU cf. **SIMONEM BEUILAQUAM**.

BOMBIANA cf. **BENEDICTUM HECTORIS**.

BONETI LOCATELLI Boneto Locatello (?-?); Veneza (Itália); grafias alternativas: Bonetum (Boneto, Bonetus) Locatellum (Locatelli, Locatellus), Bonetus de Locatellis.

BOPARDIA cf. **JOHANNE SCHURENER DE BOPARDIA**.

BOSSI, BOSSIS, BUSSI, BUSSIS, BUXIS cf. **JOHANNEM MANTHEN DE GHERRETZEM**.

BOUSSANDUS, BOUSSARD, BOUSSARDUM, BOUSSARDUS, BOUSSART, BUSSARDUS cf. **GOFFREDUM BOUSSARDUM**.

BRISCIANUS, BRIXIANUM, BRIXIENSIS cf. **JACOBUM BRITANNICUM**.

BRITANICO, BRITANICUS, BRITANNICI, BRITANNICIS, BRITANNICO, BRITANNICUM, BRITANNICUS cf. **JACOBUM BRITANNICUM**.

BRITANICO, BRITANNICI, BRITANNICIS, BRITANNICO, BRITANNICUS cf. **ANGELUS BRITANICUS**.

BRIXIANUS cf. **ANDREAE DE ASULA**.

BRIXIENSIS cf. **ANGELUS BRITANICUS**.

BUCHDRUCKER cf. **VOLFGANGUM HOPYLIUM**.

REFERÊNCIAS

- BAILY, Cyril (Org.). **O legado de Roma**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. **Síntaxis latina**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- BINNS, J.W. Intellectual Culture in Elizabethan and Jacobean England: The Latin Writing of the Age (Liverpool, 1990), p. 399-435: Appendix A, The printing of Latin Books in England (pp.433-434: Glossary of printing terminology);
- BINNS, J.W. STC Latin Books: Evidence for Printing-House Practice. **The Library**. 5th series, 32 (1977), 1-27.
- BINNS, J.W. STC Latin Books: Further Evidence for Printing-House Practice. **The Library**. 6th series, 1 (1979), p. 347-354.
- BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. **Roma e os romanos**. Tradução de Alceu dias Lima. São Paulo: EdUSP, 1977.
- BOWDER, Diana. **Quem foi quem na Roma antiga**. São Paulo: Art Editora, 1989.
- BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter. Traduções para o latim na Europa moderna. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (Orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna**. São Paulo: EdUNESP, 2009. p. 75-92.
- CORASSIN, Maria Luiza. **Sociedade e política na Roma antiga**. São Paulo: Atual, 2001.
- ERNOU, Alfred; THOMAS, François. **Syntaxe latine**. Paris: Klincksieck, 1993.
- GRIMAL, P. et al. **Gramática latina**. São Paulo: EdUSP, 1986.
- HILLYARD, Brian. **Latin for rare book librarians**. 22 jul. 2009.
- IJSEWIJN, Jozef (Ed.). **Companion to Neo-Latin Studies**. North Holland Cny.: s.n., 1977.
- LE GLAY, M. et al. **Histoire romaine**. 3. ed. Paris: PUF, 1995. **Medievo y Renacimiento**. Tradução de R. Pochtar. Madrid: s.n., 1981. p. 92.
- MANUZIO, Paolo. **Orthographiae ratio**. Venetiis: Aldus, 1561.
- MAXWELL, Robert; LEE, Harold B. **Glossary of Common Latin Terms Found in Imprints of Early Printed Books**. Disponível em: <http://net.lib.byu.edu/~catalog/people/rlm/glossary/glossary.htm>
- MENDES, Norma Musco. **Roma republicana**. São Paulo: Ática, 1988.
- MOMMSEN, Theodor. **Historia de Roma**. Madrid: Turner, 2004. 4. v.
- NUÑEZ GONZÁLEZ, Juan Maria. Ciceronianismo y latín renascentista. **Minerva: Revista de Filología Clásica**. n. 5, 1991.
- PIGANIOL, A **Histoire de Rome**. Paris: s.n., 1939.
- PINHEIRO, Ana Virgina. Glossário de codicologia e documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**. n. 115, 1995, p. 123-213.
- QUEIROZ, Maria Neuza Almeida; HOUSOME, Yassuko. As disciplinas científicas do ensino básico na legislação educacional brasileira nos de 1960 e 1970. **Revista Ensaio**, v. 20, 2018, p. 1-25.
- RAMMINGER, Johann. Neo-Latin: Character and Development. In: FORD, Philip (Ed.). **Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World**. Leiden; Boston: Brill, 2014.
- ROSTOVZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SHAW, David. Ars Formularia: Neo-Latin Synonyms for Printing. **The Library**. 6th series, n. 11, 1989, p.

220-230.